

**PARECER-SER/PARECER-TER: A PSICOLOGIA EXISTENCIAL COMO
INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE O SUJEITO CONTEMPORÂNEO:
DESAFIOS E LIMITES ACERCA DA PRÁTICA PROFISSIONAL CLÍNICA**

Marcela Feliciano Rezende de Oliveira¹

Bárbara Gonçalves Mendes²

RESUMO

O presente trabalho propõe uma discussão acerca do sujeito contemporâneo e seus modos de constituição identitária na atualidade que reverberam na esfera biopsicossocial, sob a ótica da teoria Existencial Fenomenológica. Nesse contexto o parecer-ser/parecer-ter, semelha sobressair aos modos de vida autênticos, esvaziando o Ser de si mesmo. A pesquisa de campo realizada com um grupo de cinco psicólogos clínicos atuantes na área, levantou alguns fenômenos que apontam para contradições acerca do que é sustentado enquanto discurso e modelo de vida e aquilo que aparece como demanda no setting terapêutico, causando incômodo e repercussões significativas. Os dados coletados foram tratados qualitativamente e analisados através do método fenomenológico que permitiu a análise da realidade em questão, levando-se em consideração a experiência e os sentidos atribuídos a elas, tanto no que tange a reflexão do psicólogo sobre o sujeito da clínica, quanto sobre si. O psicólogo por sua vez em seu fazer clínico, confronta-se com o desafio de atuar na contramão dessa atmosfera criada, mantendo o compromisso de auxiliar o sujeito em sua busca pela consciência cada vez mais aprofundada e elaborada do seu EU verdadeiro.

Palavras Chaves: Psicologia, Contemporaneidade, Existencialismo, Clínica.

ABSTRACT

The present work proposes a discussion about the contemporary subject and your contemporary identity modes that reverberate in the biopsychosocial sphere, from the perspective of the Phenomenological Existential theory, where the seem-to be/seem-to have seems to stand out the authentic ways of life, emptying the self of itself. Field research carried out with a group of five clinical psychologists working in the area has raised some phenomena that point to contradictions about what is sustained as discourse and life model and what appears as a demand in the therapeutic setting, causing significant discomfort and reverberations. The collected data were treated qualitatively and analyzed through the phenomenological method that allowed the analysis of the reality in question, taking into account the experience lived through these phenomena. The psychologist, in turn, in his clinical practice, is confronted with the challenge of acting against this created atmosphere, maintaining the commitment to assist the subject in his search for the deeper and more elaborate consciousness of his true self.

Key Words: Psychology, Contemporaneity, Existentialism, Clinic.

¹ Autora: Graduanda em psicologia – Faculdade Ciências da Vida – Sete Lagoas/MG
Email: marcelafrezende@yahoo.com.br

² Orientadora: Docente de Psicologia - Faculdade Ciências da Vida – Sete Lagoas/MG – Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Email: baarbaragm@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A “Era da técnica”, uma das especificações que recebe a contemporaneidade, atual momento histórico, trouxe consigo além de desenvolvimento e tecnologia uma gama de questões que norteiam pesquisas, estudos, debates, congressos, seminários e um sem fim de movimentos dedicados a compreender a própria criação humana que se estabeleceu como paradigma e incógnita. Atualmente pode-se perceber nos vários estudos existentes que, psicoterapeutas de vários seguimentos concordam e reconhecem cada vez mais, as históricas transformações das manifestações psicopatológicas do sofrimento existencial. (SANTOS; SÁ, 2013).

Uma das marcas da contemporaneidade é essa permanente e incessante busca por tudo aquilo que é da ordem da satisfação dos desejos, num movimento constante de interdição de todo tipo de sentimento aversivo, limitador, que cerceie. As fronteiras foram abertas com a globalização, promovendo esse fenômeno de constituição de novos padrões de comportamento e relacionamento com o outro. Estudos demonstram que tal fenômeno tem causado sofrimento psíquico, pois a imediatez, a volatidade, a adaptabilidade imposta pela nova cultura, fazem o novo parecer ultrapassado perante o novíssimo, e é esse mal-estar que vem sendo duramente criticado por diversas áreas e estudiosos (COLOMBO, 2012).

Segundo Duarte, (2010) é dessa forma que o sujeito se posiciona no mundo, inautenticamente, sustentando condutas que na verdade não lhe são próprias, negando-se a se haver consigo mesmo, a conhecer-se em nome do parecer-ser/parecer-ter. Porém, esse movimento que exaure e nunca satisfaz, está alicerçado no discurso do progresso, do sucesso que é defendido e sustentado a todo custo, fomentando as estatísticas que apontam o aumento significativo do adoecimento psíquico.

Quais seriam então os desafios da psicologia clínica frente à problemática parecer-ter/parecer-ser posta na contemporaneidade? Essa é a questão norteadora do presente estudo que discorre acerca desta dinâmica, desta inversão de valores de onde surgem os conflitos, ou a chamada atualmente crise contemporânea, frutos da mudança comportamental histórica que o sujeito pós-moderno experimenta. A contemporaneidade é discutida como esse tempo fluido, fragmentado, volúvel, superficial, onde tudo muda constantemente trazendo também insegurança, ansiedade, incertezas, medo. E é nessa contradição e nas dificuldades cada vez maiores de construção e manutenção da identidade do sujeito, que se fundamenta esse estudo.

Dessa forma, o objetivo geral desse estudo é analisar quais os dilemas encontrados na

prática psicológica tendo em vista o contexto de espetacularização da vivência contemporânea e o compromisso dessa profissão para com os sujeitos e a sociedade, à luz da abordagem existencial-fenomenológica. Para tal, foi desenvolvido um estudo de campo construído através de entrevistas em profundidade, semiestruturadas com um grupo de cinco psicólogos clínicos a fim de se levantar dados para a compreensão dos desafios dessa área da psicologia frente à problemática exposta. Essa pesquisa tem natureza descritiva, quanto aos fins classifica-se como qualitativa e os dados foram analisados por meio do método fenomenológico.

As pessoas vivem na contemporaneidade, contradições na sua existência, que se colocam entre a liberdade e os padrões exigentes da sociedade atual: angústia e o desamparo. Compreendendo a atual situação na qual o sujeito contemporâneo se encontra, entende-se que a psicologia pode oferecer contribuições pontuais e efetivas para tais fenômenos. Identificar e discorrer sobre os mesmos é essencial para que se construam novas hipóteses, novas ideias e pressupostos num esforço de se pensar a prática clínica psicológica nesses tempos contemporâneos. “ A perspectiva do pensamento existencial é soberana para o resgate da compreensão da condição humana apenas e tão-somente a aspectos a ela inerentes. ” (CAMON, 2006, p.97.) Dessa forma, a proposta de um estudo que tem por fundamentação a abordagem fenomenológica existencial é a aproximação dessa com o ser e sua natureza.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 “A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO”: A CONTEMPORANEIDADE, O SUJEITO E SUAS RELAÇÕES.

Crise subjetiva, esvaziamento de sentido, desenvolvimento da era tecnológica e desumanização do ser. Muitas expressões têm surgido para denominar e tentar explicar o momento atual no qual encontra-se o sujeito contemporâneo. O fenômeno aqui a ser perscrutado perpassa a dimensão da construção da identidade na era da informação e da tecnologia. As novas formas de inter-relações estabelecidas a partir do desenvolvimento científico-tecnológico estão alicerçadas nos hábitos de consumo cada vez mais ávidos, nos comportamentos compulsivos que estimulam uma competição sem fim entre os sujeitos em busca de uma satisfação imediata que na maioria das vezes não é correspondida (GOMES, 2012). São inegáveis as contribuições do desenvolvimento científico e tecnológico, a questão pertinente segundo Molina, (2014) é tentar compreender a dificuldade da construção de identidade do sujeito contemporâneo dada a velocidade da informação, das mudanças que são constantes e

repentinas, o que contribui para um esvaziamento do sentido de ser-no-mundo.

A vida na contemporaneidade tornou-se uma representação que é fomentada pelo sistema capitalista vigente fundido na constituição do homem atual. De acordo com Debord (1967/1997), o resultado e o projeto desse modo de vida atual é chamado de espetáculo, que não é uma produção, uma criação imaginativa dos indivíduos e, sim, uma transformação da irrealidade na sociedade real. Nas palavras desse autor: “O espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual” (DEBORD, 1967/1997, p.18, grifo do autor). O consumo é o eixo norteador da construção subjetiva atual dos sujeitos. A realidade individual hoje é moldada a partir do empoderamento social adquirido da apropriação do sentido de ser que é expresso nas coisas, em outras palavras, *ter* para *ser*. Esse movimento consiste da inversão onde, a realidade emerge no espetáculo, e o espetáculo emerge no real e essa seria, por conseguinte, a alienação recíproca que a sociedade contemporânea está imersa e que sustenta o modelo atual (DEBORD, 1967/1997).

“A sociedade é composta por um emaranhado de pessoas que entre si, criam, dão vida e consolidam relações interpessoais e interdependentes, por seguinte formam a sociedade.” (MOLINA, 2014, p.1). Desta dinâmica surgem os conflitos, ou a crise contemporânea, frutos da mudança comportamental histórica que o sujeito pós-moderno experimenta. Ainda de acordo com Molina, (2014), a globalização trata-se de um fenômeno que interfere de forma incisiva na construção e solidificação da identidade do sujeito, uma vez que esse fenômeno converteu a imagem instituída de sociedade tradicional em sociedade pós-moderna, que surge híbrida, sem fronteiras espaciais ou temporais, afetando diretamente as relações sociais e solidificação da identidade uma vez que está tudo interligado e interconectado.

Atualmente o sentimento predominante na contemporaneidade é de uma humanidade perdida, visto que a velocidade e a fluidez dos paradigmas impostos pela sociedade do consumo não permitem que o sujeito estabeleça sua identidade, pois todo o movimento é dirigido no sentido da satisfação imediata dos desejos que sempre estão presentes e nunca são preenchidos (GOMES, 2012). Assim sendo, toda a técnica, todo o avanço tecnológico, todas as conquistas científicas por mais avanços que tenham conseguido, não conseguiram explicar o mal-estar contemporâneo que se encontra instalado na sociedade espetacularizada. Segundo Molina (2014), a abertura das fronteiras, produziu um sujeito pós-moderno mutável, fragmentado, provisório, variável, capaz de assumir inúmeras identidades à medida que seja exigido dele novos padrões de comportamento que atendam a volatidade da sociedade global caracterizada pela sua efemeridade e imediatez, tornando a vida contemporânea cada vez mais insegura, e exigindo desse sujeito uma flexibilidade incompatível com uma solidificação da sua identidade.

Compreendendo que não existe um sujeito desprovido da sociedade, pois a mesma participa da sua constituição e vice-versa, o sujeito contemporâneo têm se constituído dentro das significativas mudanças dos alicerces culturais, das tradições, etc. As reverberações da fragmentação da identidade apresentam-se na construção da subjetividade impactando o modo de ser-no-mundo. O Ser-no-Mundo: “O homem não existe apenas em sua relação corpórea ou apenas pelo lugar que ocupa no espaço. O homem existe em relação a sua condição de ser-no-mundo” (CAMON, 2006, p.14). Ainda de acordo com Camon (2006), a própria condição de estar-no-mundo é precursora de sofrimento e desespero, pois o mundo estando alicerçado em normas morais, éticas, religiosas e políticas impõe restrições e coíbe muitas das possibilidades de existir do sujeito. “O conceito de “ser” é indefinível”. (HEIDEGGER, 1927/2013, p.39).

Ainda assim, a busca pela construção do eu e por uma existência comprometida com o projeto existencial, são condição *sine qua non* na fundamentação da identidade do indivíduo e devem representar as suas formas de transitar pela sociedade e pelo mundo como um todo, promovendo formas autênticas de ser. “A indefinibilidade de ser não dispensa a questão de seu sentido; ao contrário, justamente por isso a exige.” (HEIDEGGER, 1927/2013, p.39). O projeto existencial é aquilo que o sujeito projeta e persegue durante toda a sua vida no sentido de ressignificar-se como existente. Essa busca e construção incessantes trazem intrinsecamente os sentimentos de angústia e desamparo, frente ao desconhecido, ao incerto, ao duvidoso e com a responsabilidade de ser o “ator principal” da sua vida.

2.2 O PARECER-TER/PARECER-SER E A DINÂMICA CONTRADITÓRIA ADOECEDORA

“É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (SARTRE, 1973, p.15). Este célebre pensamento de um dos mais relevantes filósofos existencialistas retrata exatamente a condição humana, a do desamparo frente ao mundo. Uma vez estando no mundo o sujeito é obrigado a ressignificar-se e dar sentido à sua existência, isso o torna humano. Frequentemente ele procura esse sentido de viver nas possibilidades de vir-a-ser, direcionando a sua existência a partir da liberdade que possui, essa, pode ser realmente libertadora ou arruinadora de um projeto existencial (GOMES, 2012).

Assim sendo, o que se percebe é que existe uma desconsonância entre aquilo que é “natural”, humanamente reconhecido como apropriativo do ser e as mudanças observadas na contemporaneidade. De acordo com Feijoo (2012), a contemporaneidade, aqui denominada

pela mesma como “a era da técnica”, traduz-se num fenômeno que desabriga o Eu (homem/sujeito) da sua estância. Ou seja, a crise instaurada diz respeito à uma automação das formas de existir tal como a automação dos artigos técnicos, uma mecanização (FEIJOO, 2012). Dessa forma, apesar da sua autonomia e do livre arbítrio, o sujeito imerso na era da técnica, torna-se mecanicamente programado para responder às demandas que esse contexto lhe exige, abrindo mão de um verdadeiro Ser-no-mundo, em detrimento de um parecer-ser, e de um parecer-ter, “cápsulas” existenciais que o conformam na sociedade contemporânea. “Tem-se a sensação de um estado pleno de urgência, no qual, ao sinalizar uma luz vermelha, é preciso se reconstruir e dar vez a um novo mutante, um novo papel, um novo personagem, adequado ao contexto e a localidade que lhe é designado. ” (MOLINA, 2014. p.7)

Apesar de utilizar dessas indumentárias subjetivas para transitar pelo mundo e conseguir com elas um determinado grau de satisfação e realização pessoal, o sujeito contemporâneo se vê continuamente às voltas com sentimentos de angústia, tédio, medo, vazio, etc. Segundo Sá e Santos (2013) ou nada depende do sujeito e nessa dimensão de alienação fatalista, é preferível aproveitar o presente, ou tudo depende especificamente desse sujeito e assim o mesmo não consegue tempo para viver pois precisa garantir o futuro.

E a partir daí, do encontro inevitável com seu Eu verdadeiro, o indivíduo percebe que todo o esforço despendido, toda as tentativas de evitar a confrontação desses sentimentos, tentando preencher as lacunas com o consumismo foram fracassadas. Apesar de todo investimento no modo de vida “feliz”, “pleno”, “imediate”, que a contemporaneidade e seu cientificismo e tecnicismo oferece, existe um sentimento de falta, uma insuficiência no sentido de permitir que o sujeito concretize seu projeto de vida e venha a de fato ressignificar sua existência no mundo (GOMES, 2012). A constante atividade, a ocupação, a conexão contínua e ininterrupta com o outro e com todas as “coisas”, acabam produzindo reverberações psíquicas que mais tarde afetarão a esfera física do sujeito. Daí o surgimento e reforçamento de muitas psicopatologias e compulsões atuais e cada vez mais provenientes das novas formas de interação humana que causam sofrimento, a exemplo; as depressões, o tédio, o stress, a hiperatividade, etc. (SÁ; SANTOS, 2013).

A naturalização dessas novas formas de se viver é extremamente preocupante, uma vez que a própria medicalização das patologias também segue uma lógica compartimentalizada de visão do sujeito, ao tratar a doença como algo proveniente do momento histórico presente. Ainda de acordo com Sá e Santos (2013), essa forma de lidar com esse sofrimento existencial, pautado também em interesses de mercado e fortalecimento desta cultura contemporânea de funcionalidade do sujeito (adoecimento associado ao fracasso), contribuem cada vez mais para

o afastamento das potencialidades e experiências singulares existenciais de cada um.

2.3. A PSICOLOGIA CLÍNICA COMO RESPOSTA AO PARADIGMA CONTEMPORÂNEO VISLUMBRADO

A psicologia vem responder à essa demanda no sentido que pode ser descrito como uma forma a trazer de volta o sujeito para a sua humanidade. O conceito de psiquê favorecerá uma compreensão desse fenômeno. O significado de psiquê é alma, palavra tão esquecida no contexto científico tecnicista contemporâneo que já foi abordado. De acordo com Michelazzo (2015), o modelo de pensamento substancialista (fundamentado nas lógicas, conceitos, modelos e teorias) têm sido adotado como a forma ocidental de pensamento, reduzindo todas as explicações à perspectiva teórica-racional, conceito esse também presente em alguns âmbitos da psicologia.

Conseqüentemente a alma, ou a psiquê, fora esquecida de certa forma ou melhor dizendo, foi comprimida pelas determinações do pensamento substancialista aliado à vida frenética sustentada na sociedade do consumo, produzindo assim, a alienação típica do sujeito contemporâneo, ou o modo automatizado de viver, como já fora citado. A psicologia centrada na abordagem existencialista traz de volta aquilo que é de mais humano, ou seja, o próprio ser em si, o seu verdadeiro Eu. “ No rastro dessa ausência, a psicoterapia procura desempenhar um papel “moral”, não no sentido corrente de oferecer orientações “corretas” ao paciente, mas principalmente no de fazê-lo encontrar respostas às suas perguntas [...]” (MICHELAZZO, 2015, p. 51).

E referindo-se ao resgate da psiquê, a psicologia fundamentada nas bases existencialistas busca através de seu discurso focado no indivíduo, uma ampliação da percepção do mesmo sobre a sua consciência, trazendo os fenômenos até então desconhecidos por ele próprio. De acordo com Michelazzo (2015), a psicoterapia existencial vai ao encontro do Ser no sentido de permitir que ele apareça, abrindo espaço para uma percepção dos comportamentos errantes provocados pela alienação que advém do sistema vigente e pela não percepção dos mistérios e fenômenos manifestados por esse próprio Eu.

Em determinado momento não conseguindo mais sustentar o desarranjo emocional que ainda não tem nomeação, que apesar de ser insuportável não é identificado pelo sujeito como criação dele próprio e sim algo externo, a busca pela psicoterapia é uma alternativa de encontro de respostas. De acordo com Michelazzo (2015), a crise instaurada é provocada pela existência errante do indivíduo que até então não tem consciência da psiquê alterada, e se encontra

desvinculado de si mesmo, imerso nos modos de vida automatizados que fora programado para cumprir, refém da rotina frenética, dos compromissos sem fim, das metas e modelos a serem atingidos a fim de proporcionarem um bem-estar e uma realização pessoal que nunca são alcançados e vivenciados.

Ainda segundo Michelazzo (2015), a proposta da psicologia existencial é direcionar o sujeito na sua busca pela “alma perdida”, e mostrar para ele que a vida sem alma é um problema, e é nesse ponto de desencontro de si mesmo que está instaurada a crise. O que na verdade o sujeito tenta negar e reprimir a todo tempo, numa tentativa de mostra-se e assegurar um lugar de “vitória” seria o ponto de partida para o encontro do seu Eu. Ou seja, os sentimentos que são entendidos como negativos, a exemplo do tédio, a angústia, a finitude, o temor, a solidão, etc., são considerados na verdade como dados da existência e são inerentes à condição humana, e demandam serem vivenciados e elaborados a fim de proporcionarem formas de vida mais autênticas e realizadoras. Assim, esses sentimentos são descritos como “tonalidades afetivas fundamentais” e revelam inúmeras possibilidades de ser-no-mundo em virtude da singularidade que permitem ao sujeito quando esse permite-se elaborá-las de forma a descobrir novas possibilidades desacopladas da dinâmica imposta pelo mundo contemporâneo (FEIJOO, 2012).

A presença é a implicação de si mesmo com o seu projeto existencial. “A presença existe. A presença é ademais um sendo, que sempre eu mesmo sou.” (HEIDEGGER, (1927/2013, p.89). Na medida em que o sujeito se compromete consigo mesmo e busca ser-no-mundo de forma a responder uma satisfação genuína antes das convenções a que é submetido no convívio em sociedade, a originalidade de seu ser aparece dando lugar a uma *existência* de fato no mundo. Compreendendo a atual situação na qual o sujeito contemporâneo se encontra, é fato que a psicologia oferece contribuições pontuais e efetivas para tais fenômenos, e o olhar do psicólogo distanciado do senso comum atual, pode contribuir de forma eficaz para mudanças de paradigmas e perspectivas. Essas seriam algumas das questões que são postas à luz da interpretação fenomenológica num esforço de se pensar a prática clínica psicológica em tempos contemporâneos.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata de um estudo de campo construído através de entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, baseadas em um roteiro desenvolvido a partir de temáticas relevantes. O cuidado em sua elaboração levou em consideração o processo entre pesquisador

e entrevistados, privilegiando características pertinentes e observando condições que pudessem restringir o processo como um todo. Assim dessa forma a natureza descritiva desse estudo tem por finalidade a correta apreensão e o aprofundamento da ideia sobre o tema exposto, relatando características do fenômeno a ser investigado objetivando o uso dos resultados para colaboração na atuação prática (GIL, 2002).

As entrevistas foram realizadas com cinco psicólogos clínicos, atuantes, a fim de se levantar dados para a compreensão dos desafios dessa área da psicologia frente à problemática parecer-ter/parecer-ser posta na contemporaneidade. A coleta dos dados deu-se individualmente em horários pré-agendados, utilizando-se o método de gravação autorizado pelos entrevistados cujos conteúdos, posteriormente, foram transcritos na íntegra pela pesquisadora. Optou-se por nomes fictícios para identificação dos psicólogos, a fins de lhes assegurar as questões éticas e em conformidade com o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos mesmos. Importante ressaltar que dois dos entrevistados solicitaram que seus nomes verdadeiros fossem mantidos o que lhes foi assegurado, caso de Ana Cláudia e Danielly.

Os dados coletados foram tratados qualitativamente, por não ignorar a subjetividade tanto do pesquisador, quando dos entrevistados e por favorecer a compreensão de hábitos, atitudes, tendências de comportamento a partir de uma análise detalhada desses dados (LAKATOS; MARCONI, 2009). O método de análise utilizado é o fenomenológico, visto que esse método visa analisar os fenômenos subjetivos como estes se apresentam, buscando assim a compreensão de uma realidade levando em consideração a experiência vivida por trás desse fenômeno (MOREIRA, 2002).

4 RESULTADOS

Esse estudo consistiu em 5 entrevistas semi-estruturadas, em que foi utilizado como instrumento um roteiro semiestruturado, a fim de permitir a livre expressão dos entrevistados a respeito do fenômeno a ser estudado. Todos os participantes são psicólogos clínicos, atuantes, e em consonância com a demanda atendida por eles, o convite à participação das entrevistas aconteceu de forma muito receptiva. Cada psicólogo foi entrevistado individualmente, o que permitiu a reflexão dos tópicos propostos e a apreensão das experiências dos informantes. No quadro 1, estão dispostas as informações de todos os psicólogos a fim de ampliar a compreensão desse estudo.

Quadro 1. Informações dos psicólogos

NOME	IDADE	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO (Psicologia)	ÁREA DE ATUAÇÃO
Beatriz	44 anos	- Psicologia na abordagem existencial fenomenológica humanista	20 anos	Clínica, social e educacional
Danielly	40 anos	-Administração -Psicologia na abordagem existencial fenomenológica humanista	2 anos	Clínica
Ana Cláudia	31 anos	-Psicologia na abordagem existencial fenomenológica humanista -Pós-graduada em psicologia clínica existencial e gestáltica -Pós-graduada em experiência elementar em psicologia Mestre em Psicologia Social	7 anos	Clínica, social e educacional
Max	45 anos	-Educação Física -Psicologia na abordagem Existencial Humanista e história cultural -Mestre em Psicologia Social	6 anos	Clínica e educacional
Bianca	34 anos	-Psicologia na abordagem existencial fenomenológica humanista	4 anos	Clínica e educacional

Tendo o método fenomenológico subsidiando essa construção, estabeleceu-se a análise dos dados da seguinte forma: num primeiro momento foi realizada a transcrição literal das falas de todos os psicólogos, seguida da leitura minuciosa de todo o material na íntegra. “Na pesquisa fenomenológica, a descrição apresenta características especiais, por isso a chamamos descrição fenomenológica, que deve retratar e expressar a experiência consciente do sujeito.” (SADALA, 2004, p.8). Num segundo momento estabeleceu-se as unidades de significado, que, segundo Sadala (2004) são trechos dos depoimentos que aparecem de forma reiterada em todos os discursos e que respondem as questões do pesquisador. E num terceiro momento buscou-se discutir os resultados encontrados em consonância com a proposta desse estudo.

Assim sendo, serão apresentados em seguida as unidades de significado encontradas nas falas dos profissionais entrevistados, ou seja, os fenômenos que aparecem de forma semelhantes em todos relatos obtidos. Procurou-se destacar trechos das falas que representam os pensamentos afins de todos os entrevistados. Observando a necessidade técnica de expor trechos dos relatos, assegura-se que os mesmos que aqui seguem supracitados, representam de forma equivalente a opinião de todos os profissionais entrevistados. A lógica da escolha dos relatos procurou seguir parâmetros de inteligibilidade e clareza para esse estudo.

4.1 PROCURANDO A TERAPIA: PARECER OU SER?

“Mas o que eu mais percebo nos atendimentos que eu realizo, e é a falta de sentido para o existir das pessoas, tem sido muito essa demanda. Pensando que essa pessoa se perde em meio às experiências, experiências essas que são realizadas, mas vazias de sentido, isso que eu tenho observado na realidade.” (BEATRIZ)

Iniciando uma primeira tentativa de vislumbrar o sujeito que chega hoje na clínica, partiu-se de uma percepção inicial desse cliente que busca o atendimento psicológico atualmente. É um sujeito que pede ajuda, não podendo em contrapartida nomear a sua demanda na maioria das vezes, pois não tem condições de o fazê-lo, dado o nível de fragmentação do seu Eu. Esse indivíduo que chega ao consultório busca uma resposta imediata, repetindo no espaço terapêutico os padrões comportamentais que o conformam na vivência em sociedade. Importante ressaltar que é um movimento “automático”, fruto das relações estabelecidas e aprendidas até então no modelo cultural vigente. Esse cliente que procura hoje atendimento não sabe quem é e tem pressa, mas o seu movimento de busca é legítimo, diz sim de um incômodo, ainda não nomeado, mas legítimo, conforme descrito na fala da entrevistada supracitada.

4.2 VISLUMBRANDO O PERFIL DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

“[...] o que o homem moderno mais se tornou foi prisioneiro de si mesmo. Prisioneiro de si, prisioneiro de concepções, prisioneiro de... sei lá, de uma série de coisa e menos livre. O homem moderno cumpre um papel, ele está para além de ter arraigado, alicerçado o seu modo de ser, os seus objetivos, então ele vive para preencher lacunas, esse tem sido o modo de existir.” (BEATRIZ)

“Sujeito contemporâneo é aquele que está numa sociedade de cultura capitalista, do hiperconsumo, do imediatismo, do prazer a qualquer custo, do hedonismo e do carpe diem, ok. Ele está inserido sim nessa cultura, mas ele é mais do que isso, a gente percebe que tem buscas muito maiores dessas pessoas.[...] esse é o sujeito contemporâneo, o misto de uma complexidade de contradição, mas é um ser de possibilidades e uma potência de se realizar como pessoa mesmo.” (ANA CLÁUDIA)

A caracterização de um perfil do sujeito contemporâneo foi proposta com o intuito de localizar atributos relevantes, visto que as reverberações dos modos de vida atuais muito têm repercutido nos comportamentos e, conseqüentemente, nas práticas dos profissionais, conforme falas acima mencionadas.

4.3 O DELICADO E SINGULAR PROCESSO DE “SER”

“E quando não existe o vínculo a terapia não rompe, quando não existe o encontro não funciona, isso é muito nítido nessa abordagem. O sujeito atualmente quer parecer-ser lá fora, mas no ambiente terapêutico, ele quer ser, percebo que aqui ele

quer ser ele, aqui é o espaço reservado para ele. Só que no seguimento do processo não é possível sustentar essa dualidade, onde ele começa a ser ele lá fora, perturbando o meio que ele vive a partir do momento que as outras pessoas começam a perceber as mudanças. E sustentar isso é cansativo, exige muito da pessoa e muitos se perdem, isso eu consigo perceber também, até o ponto de se confundir entre o ser e o parecer-ser.” (DANIELLY)

Dado o momento inicial da chegada, o processo psicoterapêutico começa a estabelecer-se através do vínculo, do encontro terapêutico, e da implicação do cliente, condições essenciais para a manutenção do processo de terapia. Neste momento, as percepções começam a tomar forma, conexões são estabelecidas, e a consciência de Eu, ou seja, a consciência de si mesmo é acessada, inevitavelmente. Para alguns em menor tempo, para outros em maior, mas a tomada de consciência e apropriação de si mesmo é vislumbrada na medida em que o sujeito se descortina, retira as camadas que o encobriam, distanciando-se do parecer-ser e tomando posse do Ser em si. Nesse momento onde o indivíduo é atravessado pelo processo, são identificadas situações que contribuem para que permaneça ou desista da terapia. Essas condições dizem de um processo intersubjetivo que é construído entre terapeuta e cliente no decorrer das sessões, posto que o terapeuta deverá manter uma relação de abertura e acolhimento. O cliente é quem determina o avançar do processo, bem como sua ruptura, sua estagnação, seus pontos de equilíbrio e desequilíbrio, e mesmo o seu fim, visto que é dele que parte todas as demandas e não demandas. A fala acima mencionada exemplifica perfeitamente tal fenômeno.

4.4 O PSICÓLOGO, A VISÃO EXISTENCIALISTA E O FUTURO

“A gente está em contraposição a essa cultura vigente, estamos contra a corrente, contra uma corrente de valores e tudo mais. E estamos indo a favor ao humano, ao que é humano, tudo está girando contra o humano, aí vem a gente e vamos resgatar “o humano”, o homem na sua essência, na sua existência, na sua singularidade, vamos resgatar isso. A gente precisa cuidar do nosso Ser, do nosso Ser autêntico e propiciar que o outro também seja livre, autêntico, e isso acho que é um ponto fundamental[...]. O que o crescimento de cada pessoa, juntando com o crescimento de outras, o que isso tudo pode trazer de mobilização, de desconstrução das culturas e esses paradigmas e tudo mais sabe, o que isso tudo pode trazer de ponto de novidade, acho que é isso que a gente precisa focar e sustentar.” (ANA CLAÚDIA)

“[...] as pessoas estão completamente em busca de si, isso eu acho que não mudou, só que eu acredito que elas acham que é um caminho específico x, uma cultura atravessada por interesses farmacêuticos, políticos. Então quando eu olho para o Ser que está aqui, eu olho para um ser contextualizado, mesmo que ele seja fragmentado, mesmo que ele esteja líquido nessa modernidade líquida.[...]. Devemos continuar trabalhando a emancipação de consciência, contribuindo para isso de alguma forma,[...] a ideia é de que o consultório seja uma contribuição para esse caminho, esse processo dessa pessoa que vem aqui. (MAX)

Na medida que a teoria existencialista se aproxima de forma intrínseca do ser humano, ou seja, o Ser, acredita-se que as práticas psicológicas fundamentadas nessa abordagem possam

favorecer mudanças de perspectivas na forma do sujeito relacionar-se consigo mesmo e com o outro. Pensar nas práticas clínicas no futuro, permite que se possa além de presentificar um fazer psicológico mais eficaz e consciente, permite também articular novas formas de interação e interlocução entre cliente-terapeuta-sociedade, conforme relatado nos recortes das falas dos psicólogos mencionados acima.

5 DISCUSSÃO

Segundo Michelazzo (2015), a Análise Existencial é uma propícia ferramenta de compreensão das novas formas do Ser, pois oferece arcabouço teórico favorável para se trabalhar o sujeito que procura a clínica em busca do resgate da sua Psiquê. Durante todo o percurso desse estudo, vários autores estudados defenderam tais aspectos sob a justificativa de que as bases conceituais do Existencialismo se defronta com as demandas atuais dos sujeitos na sociedade. De fato, a defesa de uma linha teórica de atuação fundamentada na essência do Ser, busca esse resgate, o de uma essência que está fragmentada como descrito nas falas dos profissionais. “ *Eu vejo esse paciente que não tem consciência do tanto que precisa saber de si mesmo, as vezes o paciente sabe da superfície [...] (BIANCA).*

É fato também que a cultura e o sistema capitalista no qual a sociedade contemporânea fundamentou-se, oferece pilares de sustentação de modos de vida que distanciam o Ser de si mesmo, favorecendo um desenvolvimento psíquico desfavorável, desorganizando e desestabilizando o sujeito. Segundo Colombo (2012), a idéia atual de felicidade está ligada à satisfação das necessidades imediatas, que são não verdades ilusórias, ou seja, meras representações. “ *Então vejo esse homem muito superficial e as vezes tem uma tendência a fazer do processo terapêutico um comércio, como se estivesse para ser agradado, como se estivesse para ser servido. [...] esse paciente está extremamente ansioso, com busca de respostas imediatistas. ” (BIANCA)*

Nessa construção de uma identidade que se molda às constantes solicitações que lhe são exigidas, temos um sujeito cada vez mais perdido em si mesmo, entretanto, fica claro nos depoimentos obtidos que ele busca por ajuda, por socorro sem nem mesmo conseguir nomear a sua necessidade, mas seu movimento sinaliza um pedido legítimo.

“ Muitas pessoas chegam aqui hoje totalmente sem referencial, sem referencial de família, de amigos, estão se sentindo completamente solitárias, solitárias no sentido de que eu não sei o que é certo e o que é errado. Me fala que é certo ou errado, mas assim implorando, buscando realmente essa referência, o que é para mim um sintoma desse contexto hoje, dessa liquidez, que numa hora uma coisa é errada para alguns e para outro a mesma coisa não é errada. ” (MAX)

Assim sendo, o cliente que procura pelo profissional encontra-se em crise, não conseguindo mais suportar a confusão de sua vida que ao mesmo tempo em que lhe exaure pelas inúmeras exigências, também o esvazia de significado: aspectos claros da psiquê errante (MICHELAZZO, 2015)

Entretanto, apesar desse pedido de socorro configurar-se legítimo, o processo terapêutico apenas poderá estabelecer-se de fato na medida que houver implicação por parte do sujeito que procura pelo profissional psicólogo, ou seja, é necessário se haver integralmente com o processo de busca e autoconhecimento, permitindo-se acessar sua singularidade. *“Necessário tempo, necessário processo de lapidação e as pessoas não tem tido muita tolerância para isso, mas não cessa a busca.”* (BEATRIZ)

Isso acontece, de acordo com os relatos obtidos, na medida em que o encontro terapêutico propicia a manutenção de um vínculo, onde existe uma interlocução entre terapeuta-cliente, que por sua vez demanda um tempo, do qual esse sujeito contemporâneo imediatista não dispõe. Para aqueles que conseguem avançar um pouco e manter-se em processo, é descortinado todo um mundo de significados de si mesmo nunca antes experimentados:

“Então há um momento de tomada de consciência das possibilidades, do que é meu e do que é do outro, da diferenciação né, entre o meu Ser e do Ser do outro, isso é fundamental. E outra, o que é meu, o que é da propaganda, marketing né, do que é passado pela sociedade”. (ANA CLÁUDIA)

O sujeito contemporâneo segundo Colombo (2012), aprendeu e aceitar e naturalizar as ideias prontas mesmo vivendo em uma era de transformações de cultura, de desestabilização de valores e de fragmentação de ideologias clássicas. Tudo que é imposto é introjetado como padrão e serve de referência para o sucesso, o que é esclarecido pela fala de Max: *“Vejo muito a questão de uma cultura muito forçada, muito imposta pela grande mídia. Uma parte da cultura que é produzida é enfatizada, é empurrada “guela abaixo”, é empurrada.* (MAX).

Uma vez imerso nessa construção de identidade fluida e fragmentada, torna-se cada vez mais urgente um resgate da consciência de Eu. Dessa forma, a experiência de transitar em uma vida mais autêntica resgata a psiquê errante e o sujeito descobre que não deve mais perder-se e afogar-se nas experiências imediatas, superestimadas e fantasiosas (MICHELAZZO, 2015)

“E quando ele aceita esse desafio, ele também sofre, pois, o processo atravessa, mas ao mesmo tempo resgata a pessoa, e quando aceito de forma plena, o sujeito consegue romper essa bolha e ser a pessoa autêntica sentindo-se renovado, sentindo-se ele mesmo, mesmo com todas as adversidades do sistema, mas uma vez entregando-se autenticamente ao processo, o mesmo mostra-se muito gratificante apesar dos

problemas que surgem posteriormente. ” (DANIELLY)

Os psicólogos entrevistados defendem que uma vez conquistada a consciência do Eu verdadeiro, é necessário sustentá-la fora do ambiente do consultório, o que exige mais uma vez do sujeito, uma implicação genuína em seu processo, tendo em vista a difícil manutenção de determinados comportamentos frente a um meio social que interdita tudo que é da ordem do Ser e legitima o parecer-ser/parecer-ter. “ [...] *E sustentar isso é cansativo, exige muito da pessoa e muitos se perdem, isso eu consigo perceber também, até o ponto de se confundir entre o ser e o parecer-ser*” (DANIELLY).

Uma vez exposto este cenário, o papel do psicólogo segundo os entrevistados, é o de acolhimento, de amparo, de direcionamento para uma percepção de si mesmo e uma tomada de consciência por parte do cliente para a construção de uma vida mais autêntica, mesmo observados tantos enfrentamentos e dificuldades. “ [...] *a partir das intervenções, do encontro, das possibilidades, que esse homem possa encontrar a si nesse encontro que ele faz consigo, ter uma história de vida bem mais sadia, não diria saudável, mas uma história de vida sadia e bem mais próximo do que a gente tem de liberdade e leveza de ser.* (BEATRIZ)

É consensual entre todos profissionais entrevistados que o papel do psicólogo está para além da clínica e que é o sujeito quem dirige seu processo, não o terapeuta, cabendo a esse último acompanhar e estar ao lado no processo, proporcionando condições de crescimento e desenvolvimento pessoal. “ *A primeira coisa é o paciente entender que quem irá ditar a intensidade do processo não sou eu, eu irei acompanhar como se fosse um guia, onde ele quer ir, dependente da sua disposição de caminhar, sempre acompanhando, não direcionando nem abandonando.*” (BIANCA)

Segundo Gomes (2015), o psicólogo não possui o papel de autor nas mudanças dos clientes. Esses, por sua vez, em seu-modo-de-ser-no-mundo é que possuem a capacidade de ressignificação de suas vidas, dialogando com o presente, passado e futuro, pois o ser, sempre é um Ser em transformação permanente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou localizar e discutir alguns fenômenos advindos das mudanças comportamentais do sujeito contemporâneo, visto que este tempo atual abre infinitas maneiras e modos de vida, que culminam em diversas exigências e solicitações postas para as pessoas. Para tanto, partiu-se da perspectiva Existencial fenomenológica, uma vez que essa vertente

privilegia as questões de Ser-no-mundo e a responsabilidade de cada indivíduo com a sua existência. Assim sendo, foi possível averiguar que o sujeito contemporâneo tem estabelecido modos de construção de sua identidade a partir do sistema vigente, sedimentado no capitalismo que estimula o consumismo e a globalização que unificou todas as fronteiras e interligou os sujeitos intersubjetivamente quanto interpessoalmente. Essa interligação está associada ao que é denominado por vários autores como “crise subjetiva”, onde os padrões culturais, as normas sociais, etc., mostram-se fluidos, volúveis e em constante mutação, o que não permite a solidificação de uma identidade fixa, e “obriga” os sujeitos a moldarem-se conforme as exigências da cultura, do mercado, entre outros.

Dessa forma, os fenômenos aqui localizados e brevemente discutidos demonstram que existem ambiguidades presentes na esfera biopsicossocial do sujeito: a falta de um sentido para existir e conseqüentemente a procura pela terapia; o esvaziamento causado pelo parecer-ser/parecer-ter que é o perfil do sujeito contemporâneo; o processo de busca de si mesmo pela implicação, pelo vínculo, pelo encontro terapêutico e, por fim, a sustentação desse lugar posteriormente. Tais fenômenos apontam para um sujeito que transita por um sistema, mas procura meios e demonstra que não está “ajustado” para tal, demonstrando desconforto e incômodo nas suas demandas. Já o psicólogo, em seu fazer clínico, confronta-se com o desafio de atuar na contramão dessa atmosfera criada, tarefa árdua, silenciosa, e muitas vezes solitária, mantendo o compromisso de auxiliar o sujeito em sua busca pela consciência cada vez mais aprofundada e elaborada do seu EU verdadeiro, ampliando a percepção de si mesmo, do mundo e da comunidade, dentro e fora do consultório.

A presente pesquisa limitou-se ao levantamento e breve exposição de alguns fenômenos identificados no contexto da prática clínica. Uma vez postas as dificuldades, desafios e limites enfrentados pelos profissionais acerca do fazer psicológico em tempos contemporâneos, espera-se haver contribuído para reflexões a respeito do tema. Sugere-se para futuros trabalhos a investigação aprofundada dos fenômenos aqui levantados, bem como suas reverberações, limites desse estudo, contribuindo dessa forma para a maior compreensão do sujeito contemporâneo e conseqüentemente o fazer psicológico clínico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMON, W.A.A. **Psicoterapia existencial**. 1 São Paulo: Livraria Pioneira, 3ª Edição, 2006

COLOMBO, M. **Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo**. Revista Brasileira de Psicodrama v20n1.indd, 2012.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Railton Guedes. Versão para ebook, eBooksBrasil.com, São Paulo, 2003. p.169 (Original publicado em 1967)

DUARTE, L.P. **Os grandes conflitos interiores do homem contemporâneo: solidão, vazio e ansiedade**. Revista Educação, São Paulo, 2010, v.(5) n.(2), 2010

FEIJOO, A.M.L.C. **O homem em crise e a psicoterapia fenomenológico-existencial**. In II Encontro Ludovicense de Fenomenologia, Psicológica e Filosofias da Existência, 2012, Maranhão, Crise, cultura e contemporaneidade, Maranhão, Centro de Ciências Humanas – CCH da UFMA.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, H.J. **A Psicoterapia existencial-fenomenológica na modernidade, ética e sentido da existência**. In Congresso Brasileiro de psicologia existencial, II, 2012, Belo Horizonte, Fundamentos filosóficos da Psicologia Existencial, Belo Horizonte, FEAD, 116p.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte I. (8. ed.). Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ (2013): Editora Vozes. (Original publicado em 1927)

LAKATOS, E.M.; MARCONI. M.A., **Metodologia Científica**. 5ª Ed. 3. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MICHELAZZO, J.C. **Psiquê errante: a Análise Existencial e o resgate da alma perdida**. In III Congresso Internacional de Psicologia Internacional, 2015, Belo Horizonte, Existencialismo e psicologia, FEAD, 200p.

MOLINA, M.C.G. **A construção de identidade do sujeito mediante as transformações da globalização.** Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.7, n.1, Pub.6, Janeiro 2014

Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 782.

MOREIRA, D.A. **O método fenomenológico na pesquisa.** 1ª Ed. São Paulo: Pioneira, 2002

SADALA, M.L.A. **A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. Anais... Bauru: Universidade do Sagrado Coração de Jesus e Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004. 1 cd-rom.

SANTOS, D.G; SÁ, R.N. **A existência como “cuidado”: elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade.** Revista da Abordagem Gestáltica

Phenomenological Studies – XIX(1): 53-59, jan-jul, 2013

SARTRE, J.P. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica.** Tradução: Paulo Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

PARECER-SER/PARECER-TER: A PSICOLOGIA EXISTENCIAL COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE O SUJEITO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS E LIMITES ACERCA DA PRÁTICA PROFISSIONAL CLÍNICA

MARCELA FELICIANO REZENDE DE OLIVEIRA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

BACHAREL EM PSICOLOGIA

E aprovado na sua versão final em 14 de julho de 2017. Atendendo às normas da legislação vigente na Faculdade Ciências da Vida e da Coordenação do Curso de Psicologia.

Coordenador (a) do Curso
Fernanda Dupin

BANCA EXAMINADORA

Nome do orientador (Bárbara Gonçalves Mendes)
(Presidente)

Nome do orientador (Tathiana Martins de Carvalho)
(Avaliador 1)

Nome do orientador (Luciana Cassino)
(Avaliador 2)

APÊNDICE A

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

1. Tomando por base sua carreira profissional, é possível localizar mudanças e/ou experiências significativas nos últimos anos (contemporaneidade)?
2. No que diz respeito ao encontro terapêutico e a qualidade do vínculo, percepções atuais;
3. Referente às demandas, percepções gerais;
4. Referente à implicação, percepções gerais;
5. Visão de homem dentro da teoria existencialista e sua pertinência junto ao modelo cultural vigente;
6. Perfil do indivíduo contemporâneo;
7. Reverberações futuras (se há opinião particular) e considerações finais.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Parecer-Ser/Parecer-Ter: A Psicologia Existencial como instrumento de reflexão sobre o sujeito contemporâneo: desafios e limites acerca da prática profissional clínica.

Pesquisador Responsável:

Orientadora:

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão do curso superior em Psicologia e tem como objetivo principal compreender quais são os desafios da psicologia clínica frente à problemática parecer-ter/parecer-ser posta na contemporaneidade. De forma mais específica, pretende-se descrever e analisar quais os dilemas encontrados na prática psicológica tendo em vista o contexto de espetacularização da vivência contemporânea e o compromisso dessa profissão para com os sujeitos e a sociedade, à luz da abordagem existencial-fenomenológica. Para isso, descrever o perfil do sujeito que procura hoje a psicoterapia e quais seriam as suas principais reverberações seria um dos principais objetivos desta entrevista.

Tais informações podem ser úteis para subsidiar futuros projetos de pesquisa e de intervenção relacionados ao tema. Gostaríamos de convidá-la(o) a participar dessa pesquisa através de uma entrevista aberta que poderá ser gravada conforme seu consentimento e, posteriormente, analisada. O tempo médio de duração da participação tem sido de 1 hora. Em todas as etapas da pesquisa será garantido o seu anonimato. Está-lhe garantida também a liberdade sem restrições de se recusar a participar, ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências. Os dados obtidos com essa entrevista serão utilizados exclusivamente para os fins desta pesquisa a ser apresentada na instituição **Faculdade Ciências da vida- MG**. Informamos também que a sua participação tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração.

Eu _____(nome do(a) participante),

declaro ter **COMPREENDIDO** as informações prestadas neste Termo, **DECIDO** conceder a entrevista solicitada e **AUTORIZO** sua utilização no Projeto de Pesquisa intitulado “Parecer-Ser/Parecer-Ter: A Psicologia Existencial como instrumento de reflexão sobre o sujeito contemporâneo: desafios e limites acerca da prática profissional clínica.”

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

Participante

Estudante - Pesquisador

XXXXXXXXX/MG, _____ de _____ de 2017.